

Boletim dos Associados do IPB

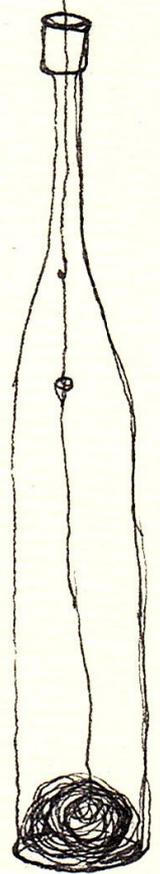
laps

BOLETIM #0

o comportamento



do
por
pau
do
do
to
sete
ado
quem
para
fide
para
de
precisamos
em
porque
de
zelo
com
de
limpa
com
se
de
com
n
de



Instituto
de Psicanálise
da Bahia



ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)

Boletim dos Associados do IPB

laps #0

**BOLETIM DOS ASSOCIADOS
DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
Laps – Junho 2025**

Av. Anita Garibaldi, 1211.
Ed. Central Pinheiro. Ondina.
CEP 40170.130. Salvador, Bahia.
+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com
<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br>

EDITOR:

Wilker França

**COMISSÃO DE
REDAÇÃO E REVISÃO:**

Pablo Sauce
Jaine Porto
Wilker França
Graziela Pires
Julia Jones
Liliane Sales
Raissa Silveira
Maíra Valente

**REVISÃO DE PORTUGUÊS
E DE NORMAS:**

Luiz Morando

DESIGN GRÁFICO:

Kako Arancibia

ILUSTRAÇÕES:

Juliana Palhares
Série “Desenhar o invisível”
(nanquim sobre papel, 2025):

Desenhar o invisível I

Desenhar o invisível II (capa)

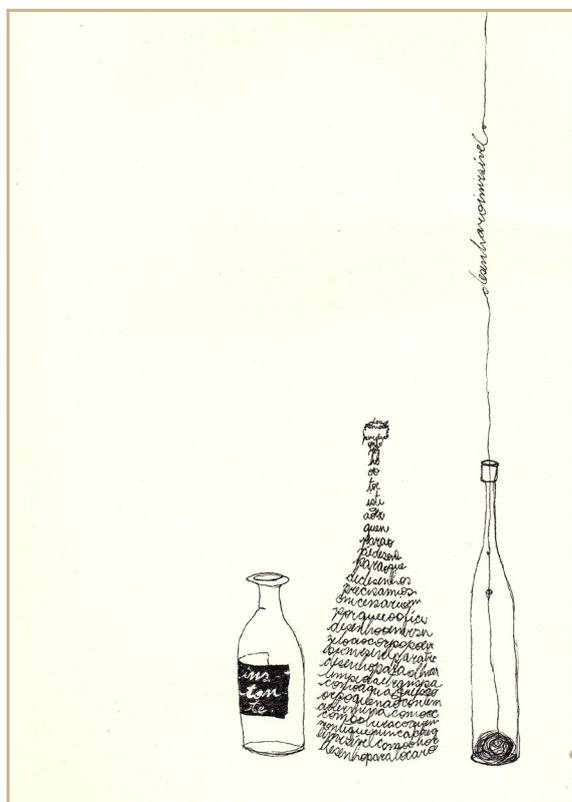
Desenhar o invisível III

DIRETORIA DO IPB - BIÊNIO 2025-2027

Bernardino Horne (Diretor Geral)
Luiz Fernando Belmonte Mena (Diretor de Ensino)
Pablo Sauce (Diretor de Planejamento e Finanças)

**CONSELHO DELIBERATIVO DO IPB
BIÊNIO 2025-2027**

Rogério Barros (Presidente)
Nilton Cerqueira (Secretário)
Aléssia Fontenelle
Bernardino Horne (Consultor Permanente)
Jordan Gurgel
Marcela Antelo



Editorial

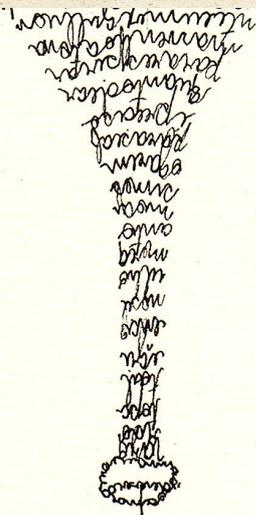
L(a)psgami - dobra do instante que escapa não sem marca

por Wilker França
e Raíssa Silveira

Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa. (*Água Viva*, Clarice Lispector)

De um mesmo papel, uma nova dobra. Mas é da dobra que se redesenha o papel: *Laps*, boletim do Instituto de Psicanálise da Bahia, nasce como extensão da revista *Lapsus* – e, ao nascer, faz reviver de outro modo o que veio antes. Essa nova forma carrega algo da origem, mas não como repetição: como invenção. Um lampejo que dobra o tempo e reabre a cena. Uma torção: da mesma folha, outra forma.

A epígrafe de Clarice Lispector nos remete a esse instante que sempre escapa. O *Laps* surge para seguir acolhendo essas irrupções como formas de inscrição de algo que toca a experiência analítica e que se transmite, mesmo sem contornos bem definidos. O boletim não tem um formato fixo ou periodicidade determinada. É aí que se joga algo essencial da psicanálise lacaniana: o boletim se deixa causar, não organiza nem totaliza; é chamado



Desenhar o invisível I,
de Juliana Palhares
(nanquim sobre papel, 2025)

pelo resto, pelo lampejo, pelo tropeço – aspectos do objeto *a*. Um pensamento que acende numa transmissão, uma frase que reverbera, uma imagem que se conecta a outra: fragmentos da experiência viva de formação que cada um corajosamente se dispõe a escrever.

Os textos do *Laps* são livres, mas sem perder seu rigor epistêmico: curtos, poéticos, objetivos ou experimentais.

Textos-pergunta, textos-imagem, textos-frase. Não exigem bibliografia extensa, nem estrutura fechada. Precisam apenas de desejo – o desejo de escrever, de partilhar, de lançar ao mundo um lampejo do que tocou.

Em vez do compasso imposto pelo tempo cronológico, buscamos escutar outra cadência. Como na psicanálise não se trata de produzir sob demanda, mas de acolher o que irrompe. É desse tempo, que não é da urgência, que esperamos que surjam os textos – pelo ímpeto daquilo que ressoa. Sem calendário, mas com causa.

O *Laps* também não tem um formato fixo. Pode se dobrar como zine, estender-se em vídeo no Instagram, imprimir-se em papel e ocupar as paredes do Instituto etc. Essa plasticidade não é decorativa: ela faz corpo com aquilo que tentamos tocar. O boletim aposta

“

...fragmentos da experiência viva de formação que cada um corajosamente se dispõe a escrever.”

em formas múltiplas e transitórias. O que há é o esforço em dar contorno ao que escapa, ao que insiste, ao que causa. O importante é que cada produção esteja em ressonância com a psicanálise de orientação lacaniana – ainda que de forma leve, oblíqua, atravessada por outras linguagens ou saberes.

O *Laps* é espaço de circulação e invenção. Uma abertura para dizer algo. Um boletim que escuta o lapso, o furo, a surpresa – e aposta que, justamente aí, alguma coisa se transmite.

Para dobrar o início, além desse editorial-apresentação, três textos: Raphael Gadelha escreve a partir de uma pergunta lançada no tempo, feita a Monica Hage, durante um Seminário de Formação Permanente. A questão não cessou ali: seguiu pulsando, desdobrou-se em linhas que versam sobre o inconsciente transferencial e sua diferença com o inconsciente Real e que agora podemos ler. Graziela Pires, também associada do Instituto, borda sua escrita com o que a tocou no comentário de Marcelo Veras sobre a série *Adolescência*. E o texto de Liliane Sales, “Divinos detalhes entre arte e escrita”, escrito a partir das obras da artista e professora doutora em Artes Juliana Palhares, que produziu os desenhos exclusivos para esta nossa edição. ❖

Boa leitura!

Mas e o inconsciente transferencial?

por Raphael Gadelha - associado ao IPB

No dia 16 de abril de 2025, fiz uma pergunta incidindo sobre a fala de Mônica Hage. Em seu texto, ela comentou que, no fim de uma análise, o inconsciente não se anula. Pergunto-lhe: “O inconsciente real certamente não se anula, mas e o transferencial? Este se anula?”.

Na tentativa de responder minha própria pergunta, lembro-me de já ter ouvido em aulas que só tem inconsciente quem faz análise – e se no final da análise há a liquidação de transferência, então no fim talvez caia o inconsciente transferencial? Minha suposição é de que não cai, e penso no termo inconsciente-linguagem, também utilizado para se referir ao inconsciente transferencial... Bom, no fim de uma análise não nos desembaraçamos da linguagem, não deixamos de cometer atos falhos; daí, penso que não deixa de existir inconsciente transferencial.

Então, Mônica lança uma pergunta: “Se não cai o inconsciente-linguagem, o que acontece com ele?”. Julia Solano aponta que, em *O osso de uma análise* (Miller, 2015, p. 105-106), Miller demonstra que no final há uma liberação da libido investida na fantasia. Esse investimento libidinal se desprende e agora será investido no sintoma, como modo de gozar. Não se trata de deixar de fantasiar, mas estabelecer uma outra relação com a fantasia que, num trabalho de análise, culmina em um progressivo desinvestimento libidinal. Diz Miller (2015, p.106): “Portanto, se ela [a libido] se retira da fantasia, onde ela vai investir? Essa é a verda-

deira questão do passe. [...] Nenhum desinvestimento pode impedir que reste o modo de gozar, que reste o sintoma como modo de gozar.”

Fátima Sarmiento traz uma importante consideração: a de que Miller (2023, p.147) diz, no livro *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, que não há atravessamento da transferência, não há grau zero da transferência. Essa questão é comprovada com a continuidade da transferência, transformada em transferência de trabalho, com a escola, ao fim de uma análise.

Marcela Antelo contribui para a discussão retomando o conceito de Sujeito suposto Saber, composto de duas suposições, segundo Miller (2018) estabeleceu há anos na famosa “Conferencia en España”: a suposição de um sujeito e a suposição de um saber. O sujeito é efeito e não causa de saber. Um sujeito efeito de um saber e não alguém que sabe. Ao fim de uma análise, não esperamos mais que o analista nos entregue “a pepita de ouro de nosso ser”; não pensamos que ele seja possuidor da verdade sobre nós (esta é a equivocação do Sujeito suposto Saber que vai caindo ao longo de uma análise). Não deixamos de supor sujeito efeito de um saber ao fim de uma análise. Alguém pode encarnar no corpo um efeito sujeito, de saber, furado. Entretanto, ela aponta que estamos empolgados para que Esthela Solano-Suarez venha falar para nós na Jornada... Não é porque supomos nela um sujeito efeito de um saber? ❖

Referências

MILLER, J.-A. *O osso de uma análise: mais O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MILLER, J.-A. *Como terminam as análises: paradoxos do passe*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

MILLER, J.-A. *Introducción a la Clínica Lacaniana: Conferencias en España*. Barcelona: Gredos, 2018.

Adolescência – notas sobre mal-estar em tempos sem respiro

por Graziela Pires - associada ao IPB

Na leitura que Marcelo Veras propõe da série *Adolescência*, emerge com força a experiência de um tempo sem pausa – “não há buraco de respiração” –, o que é possível associar à lógica do plano-sequência da série e à vida contemporânea.

Esse tempo contínuo, sem cortes, espelha uma subjetividade que não encontra intervalos para simbolizar a dor ou formular o sofrimento, aprender a lidar com a frustração. O tempo, que em Freud era aliado do luto e da elaboração subjetiva, torna-se agora uma ameaça, uma ausência: o que não para, não permite que se diga. Diante disso, como sustentar o tempo de uma travessia quando o tempo está sequestrado pela urgência e pela lógica do desempenho?

“

O tempo, que em Freud era aliado do luto e da elaboração subjetiva, torna-se agora uma ameaça, uma ausência: o que não para, não permite que se diga.”

Veras mostra que, nesse cenário, o ato se impõe como solução – uma saída que “arranca o sujeito da angústia”, ainda que às custas de um curto-circuito do dizer. O imperativo de respostas rápidas, exigido pelo discurso contemporâneo, promove uma tentativa de extirpação prematura do sofrimento, ou ainda um silenciamento forçado de sua elaboração a partir da medicalização. A clínica é tensionada por essa lógica: o sofrimento precisa ser eliminado, não interrogado; o vazio precisa ser preenchido, não sustentado. A palavra, como recurso, está rarefeita – e o sujeito, muitas vezes, nem sequer encontra o Outro para endereçar sua dor.

Nesse contexto, é caro a escuta analítica restituir a possibilidade desse tempo, uma pausa para que haja um dito e um dizer – para sustentar o intervalo, o entre, a pausa em que algo da fala possa emergir. Como diz Veras, a aposta da psicanálise hoje é criar as condições para que o sujeito construa um sintoma sob transferência, pois só assim será possível “fazer laço, desejar, falhar” – três verbos que exigem tempo e não cedem ao imperativo de eficácia que nos governa, como os três tempos do instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir. ❖

Divinos detalhes entre arte e escrita

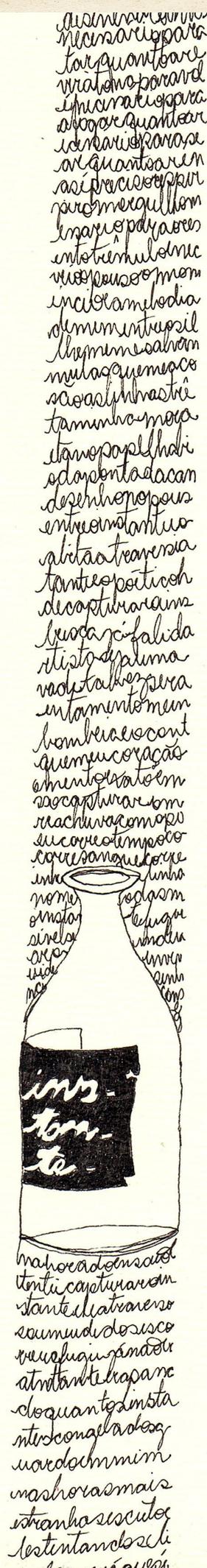
por *Liliane Sales*
- associada ao IPB

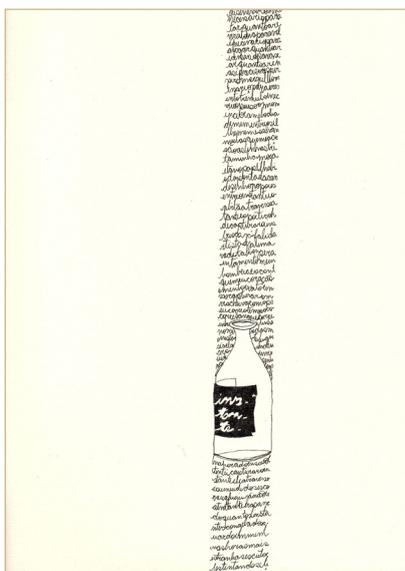
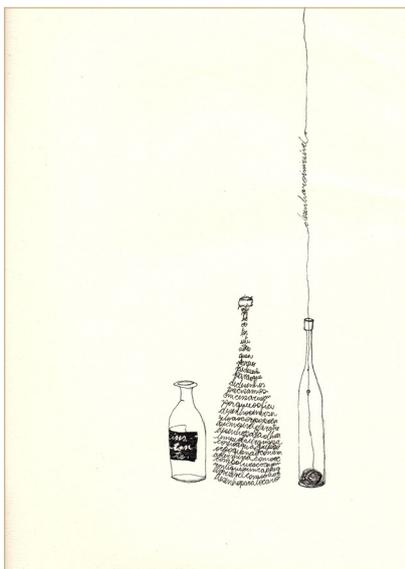
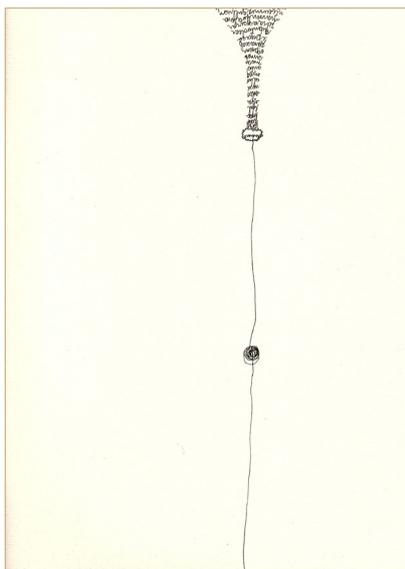
Juliana Palhares diviniza o detalhe do que diz a escrita analítica. Do traço mais singular, delineia o que foi dito, o não-dito, o silêncio, o vazio e até mesmo o invisível. Um detalhe que arrebata pelo dom de fazer existir o invisível.

Por um efeito sujeito, mais passivo, somos olhados pelo detalhe. Da escrita à forma.

A arte ocasiona uma reconciliação entre os dois princípios, de maneira peculiar. Um artista é originalmente um homem que se afasta da realidade, porque não pode concordar com a renúncia à satisfação instintual que ela a princípio exige, e que concede a seus desejos eróticos e ambiciosos completa liberdade na vida de fantasia. Todavia, encontra o caminho de volta deste mundo de fantasia para a realidade, fazendo uso de dons especiais que transformam suas fantasias em verdades de um novo tipo, que são valorizadas pelos homens como reflexos preciosos da realidade (Freud, 1911/1996, p. 272).

Desenhar o invisível III,
de Juliana Palhares
(nanquim sobre papel, 2025)





“

Artistas se divertem nas suas construções criando linguagens/conceito e não apenas ilustrações.”

Para Freud, o artista sempre precede os analistas. Artistas se divertem nas suas construções criando linguagem/conceito e não apenas ilustrações. Eles conseguem desvendar os mistérios do inconsciente com sua criação artística.

Em um movimento moebiano de dentro e fora, as garrafas, a escrita, a letra e o vazio conversam com as inquietações escritas por analistas desejanter de responder a questões que a ilustração condensa.

O instante de ver; um lapso que nos escapa a ser preenchido no rótulo; o tempo de compreender e se inventar na precipitação da escrita e o momento de concluir que tropeça e deixa ver pedaços de real. ❖

Referências

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. (1911) In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 143-153.

A artista Juliana Palhares é Professora Doutora em Artes.